

COLUNA

Travesti Preta Não é Bagunça

Leandro Rodrigues Nascimento da Silva

O rap da travesti negra: Monna Brutal e a brutalidade da rua



Foto: Rogério Fernandes

O rap nacional é majoritariamente negro. O rap nacional é majoritariamente masculino. Mas o rap nacional não durará muito para ser travesti! As duas primeiras afirmativas podem ser de fácil concordância, mas a última talvez não o seja. As duas primeiras afirmativas são de fácil aceitação porque quando se fala em rap brasileiro, logo pensamos em alguns nomes popularmente conhecidos e reconhecidos no mundo da música. Por exemplo: você já deve ter ouvido falar e ouvido cantar o rapper Rincon Sapiência, que é veterano do rap nacional. Em 2017, ele lançou um disco intitulado **Galanga Livre**, mas desde os anos 2000 mora no coração de muita gente por ter começado a divulgar sua arte brincando com os beats. Outra figura famosa do rap nacional é o gigantesco Baco Exu do Blues; em 2017 ele também lançou um disco que foi sucesso, intitulado de **Esú**. Continuando nossa listagem de grandes nomes, outra figura proeminente no referido seguimento musical é o

rapper BK'; grande e comparável tal qual o majestoso Djonga, ambos eleitos pelo site RollingStone como pertencentes de um grupo dos 10 mais importantes rappers brasileiros.



Foto: Reprodução Redes Sociais

Mas o que e quem você talvez nunca tenha ouvido falar e nem ouvido cantar seja a notável artista Monna Brutal. Também rapper. Também negra, e por isso revolucionária! Monna é daquela rapper raiz. Não foge da boa crítica e da palavra

bem cantada. É reconhecida na música rap pelo seu estilo de rimas ácidas, daquelas que deflagram questionamentos sobre o corpo LGBT, sobre as postulações heteronormativas e as hipocrisias daqueles machos de “bem”, de “família” que procuram os serviços de travestis e transexuais que são profissionais do sexo e depois as vilipendiam. Em um país como o Brasil, que lidera o ranking de assassinatos de travestis e transexuais na América Latina, ser uma rap travesti é lutar contra a transfobia duas vezes: uma na sociedade e outra na sociedade da arte. Como dito anteriormente, o mundo da música rap é ocupado majoritariamente por homens héteros, o que faz da carreira de Monna algo realmente brutal, no sentido de se buscar visibilidade para temas, em suas músicas, tão sutis e talvez invisíveis para a grande maioria das pessoas.

Monna está ocupando um espaço que outras já ocuparam. Lugares do mundo da música pop, do ritmo do funk etc. Você, leitor/a, já ouviu ou já fez alguma festa ao som de Pablo Vittar; Gloria Groove. Já viu na TV, na série da Globo **Segunda Chamada** a celeberrima atuação da travesti, também negra, Linn da Quebrada. Só faltava o rap ser conquistado pelas mulheres trans, o que aos poucos acontecerá por tamanho talento dessas meninas. Por falar em talento, a talentosa Monna Brutal brilhou sua estrela (nasceu) em Guarulhos, na grande São Paulo. Com apenas 21 anos ela já estava envolvida em batalhas de hip-hop, organizando outras batalhas, para além das da vida cotidiana, e sendo reconhecida num estilo chamado **freestyle**. Você deve não saber o que isso significa, mas é simples: é um estilo em que duas pessoas batalham na voz improvisando letras críticas das mazelas sociais. Por dois anos, Monna organizou e participou dessas batalhas em Jaçanã. Dali saiu reconhecida pelas suas rimas raras e ferinas.





Foto: Reprodução Redes Sociais

Em 2018, Monna Brutal lançou um disco marcante e de extrema importância para os movimentos sociais. O álbum foi intitulado de *9/11*, e é flagrante nas canções a denúncia do machismo e da transfobia. A periferia também figura nas rimas adornada por uma áurea de empoderamento. A bela música que fecha o álbum tem nome emblemático: *Bixa Papão (Putos Não Fodem)*. A meu ver, a canção é um verdadeiro mantra. Um protesto de travestis e transexuais contra toda a segregação social que vivenciam todos os dias. É uma insurgência contra os negacionistas das dissidências sexuais e de gênero. Produzido e dirigido pelo coletivo Quebramundo, da zona sul de São Paulo, o clip possui uma estética sombria; provocativa; digna de uma (ou mais) bixa papão. O clip é gravado na rua, durante à noite. Nele figuram travestis que aparentam se prostituir numa movimentada avenida da grande São Paulo, em uma referência clara ao mundo

em que muitas dessas meninas ganham a vida. O clip explode em cores associadas ao veneno, ao terror, ao medo; por exemplo: cores roxa, verde e preta são usadas sem parcimônia. Como resultado, a estética do clip se mostra agressiva, contundente e mortal.



Foto: Reprodução Redes Sociais

Para que não fique apenas nas minhas palavras o talento e a crítica do trabalho de Monna Brutal, a primeira travesti negra do rap nacional, encerro este texto com um trecho da música da rapper, que, como anteriormente eu afirmei, logo no início da nossa conversa, está transformando a realidade do rap brasileiro. Está abrindo, para outras artistas trans, a possibilidade de também fazer arte e da arte fazer arma de guerra. Deixo a seguir um trequinho do rap Bixa Papão:

Sou a legião das tralha social, bonde das trava/ Paralelepípedos voadores, indo em direção da sua cara pálida/ Sou Luana e Dandara/ Sou Daniel Marques/ Claudia Arrastada/ Caique Itambelly [...] Eu sou o preto assassinado na mata/ Sou morte, sou maldade encalacrada/ O grito das Maria silenciada/ O corpo da preta achada na mala/ A mãe com seu filho passando fome [...]

A letra da música é forte. O impacto causado é arrepiante. Mas lembremos que a letra de Monna retrata toda a violência não só vivida pela população travesti e transexual, mas também por boa parte da população negra. Costumo dizer: Monna Brutal é a luta em intersecções.



Leandro Rodrigues Nascimento da Silva

Graduando em Letras – Português/Literaturas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ); Professor de Língua Portuguesa na instituição CIEP 026 São Vicente de Paula; Professor de Introdução à Arte Ocidental, na Escola de Artes da Baixada; Pesquisador de Educação e Saúde da população travesti, na Fundação Oswaldo Cruz; membro do Laboratório de Educação, Gênero e Sexualidades (LEGESEX-UFRRJ); membro do grupo de estudos em Gênero, Imagem, Discurso (GEIDIR-UFRRJ); pesquisador institucional da UFRRJ em manuscritos contemporâneos e genética da escrita de Carolina Maria de Jesus; membro da Comissão de Avaliação Própria (CPA) da UFRRJ.